

A visão beatífica e a noção de mistério em K. Rahner

JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS

Faculdade de Teologia (UCP) – Lisboa

1. Na sua aceção mais vulgarizada, sobretudo se considerarmos o homem comum, a noção de *mistério* evoca uma grandeza que se apresenta como impenetrável à razão ou à inteligência humana. Dá-se assim uma oposição entre *razão* e *mistério*, de tal modo que, como defende o iluminismo e as correntes filosóficas que nele se inspiram, nomeadamente a concepção positivista da ciência, à medida que o progresso científico avança, diminui o âmbito do mistério até, eventualmente, num futuro, se bem que ainda incerto, acabar por desaparecer totalmente. O *mistério* surge então como algo de obscuro, de desconhecido, como algo provisório, que a razão progressivamente superará, sendo então o mistério uma grandeza tendencialmente residual.

Por outro lado, a razão constitui-se, o que acontece no pensamento moderno sobretudo a partir de Kant, como a instância que determina o que seja ou não o *mistério*, uma vez que ela se oferece como *tribunal* que decide o que seja claro e distinto, portanto, luminoso e solar, e esta é a *verdade*, que se contrapõe ao obscuro e nocturno do mistério, como de certo modo em Nietzsche e num certo pensar pós-moderno.

Neste caso surge algo de paradoxal, sobretudo a partir da crítica dos fundamentos da razão, num movimento que alcança no pensamento frágil a sua máxima expressão, — mas que de algum modo já havia sido preparado por um certo irracionalismo à maneira de K. Popper, segundo o qual a razão só pode chegar a demonstrar a falsidade de uma teoria, não, porém, a saber se é verdadeira¹, — na medida em que o *pensamento frágil* defende a incapacidade da razão em alcançar a verdade, e assim a razão torna-se, à maneira da antiga sofística, a faculdade apenas da opinião, mas não da certeza e muito menos da verdade.

2. É muito conhecido o esforço feito por G. Marcel, entre outros, para superar a noção de verdade que o iluminismo e o positivismo cientista haviam introduzido, e a cujos impasses acabámos de fazer referência, pela introdução, entre outras, de uma distinção entre *problema e mistério*²: o *problema* seria o âmbito de tudo aquilo que pode ser dominado ou manipulado pelo homem e, portanto, susceptível de experiência e de conhecimento científico; o *mistério* todo o vasto âmbito da realidade que o homem não pode abarcar, porque o envolve de todos os lados, sendo que dessa realidade que ele não pode *objectivamente* abarcar ou dominar com o olhar, ele mesmo faz parte. Neste sentido, o homem tem a capacidade para resolver problemas, mas está fora do seu alcance resolver o *seu* problema, porque, em última instância, o homem não faz parte dos campos problemáticos, mas sim do vastíssimo horizonte do *mistério*. E o *mistério*, nesta acepção, evoca o *excesso* de sentido de toda a realidade, dos mundos conhecidos ou possíveis, pressentido de certo modo pelos poetas, representado na tragédia grega, naquilo que por sua vez Pascal considerava a *grandeza* e a *miséria* do homem, no fundo, o apelo a que o homem transcenda infinitamente o homem³, porque, agarrado à terra, está aberto e erguido para o céu, para a infinita transcendência espiritual, de um sempre *mais* insaciável, e que impregna o fundo mais essencial do seu ser, a que a ciência, nem sequer a psicologia, pode aceder, mas apenas manter-se, e mesmo assim muito à distância, no limiar, à porta do ser!...

¹ Cf. TH. KUHN, *A tensão essencial* (Lisboa: Ed 70 1989) 275-291.323-352.

² Cf. *Essere e avere* (Napoli 1999) 105.

³ Cf. B. PASCAL, *Pensées* (Paris: Guillaume Desprez 1670) XXI,185.

3. K. Rahner confrontou-se com esta noção de *mistério* defendida na teologia escolar, ou seja, a teologia dos manuais que se estudava nas escolas de teologia — Seminários Maiores e Faculdades - até meados do séc. XX. E o que ele critica na teologia de então é precisamente, na elaboração da noção de *mistério*, ter-se colocado no campo do adversário que queria combater, ou seja, rebater o racionalismo materialista e ateu dos tempos modernos, que considerava o mistério, como vimos, como o contrário da razão. Ora a noção clássica de *mistério*, tal como então se entendia, concentrava-se na *revelação* como sua origem, sendo então o mistério definido como uma *proposição* que, porque revelada, superava os limites da razão. Então, neste horizonte hermenêutico e metodológico, a *razão* aparece como a faculdade que determina o que seja o mistério, precisamente por superá-la ou não caber nos seus limites, mas cujo entendimento permanece ainda *racional*, mas de uma racionalidade iluminada pela fé, e esta então aparece também entendida como a adesão da inteligência ao que a ultrapassada, e por isso não é difícil concluir que os domínios do mistério, e, portanto, da fé, se situam para lá da razão, do meta-racional, se não mesmo, paradoxal e contraditório. Não estaríamos muito longe do *credo quia absurdum* atribuído a Tertuliano⁴. Os esforços que vêm desde Sto. Agostinho, passando por Sto. Anselmo de Cantuária e S. Tomás, para defender a honestidade e nobreza intelectual do acto de fé que procura compreender afiguram-se de certo modo ineficazes para inverter a tendência do iluminismo e pós-iluminismo no campo da teologia.

De facto, na apologética clássica, sem dúvida que a razão é faculdade do mistério, mas de um modo negativo, na medida em que o *mistério* está para além dos seus limites. Neste sentido não podemos dizer que a razão e o mistério sejam grandezas que se oponham; na verdade, a fé pressupõe uma inteligibilidade racional incontornável — e por isso a razão não se opõe constitutivamente ao mistério, que encontra o seu lugar no *juízo* como a instância quer da verdade quer da fé. Então o mistério tem a ver com as proposições da razão *crente* — os *dogmas*, como declarações que se oferecem como expressão daquilo que a Igreja acredita -, e que têm em si uma inteligibilidade própria, mesmo se a realidade para a qual remetem transcende os limites da razão, que é por isso uma *grandeza aberta*, a ser *ilu-*

⁴ Cf. *De carne Christi*, 5.

minada pela fé. No entanto, esta noção de mistério, que encontra na razão a faculdade que determina o que ele seja, fica de certo modo dependente daquilo que a própria razão determina, delimita, configura, pois, nesta noção, o mistério, mesmo como grandeza aberta, provisória, do campo da *fé*, será superado na *visão beatífica*, no ver a Deus face a face, como finalidade última e transcendental da existência humana enquanto tal.

4. O esforço de K. Rahner situa-se precisamente neste ponto, na medida em que recupera uma intuição da própria teologia escolástica, segundo a qual, na visão beatífica, Deus permanece como *mistério*, ou seja, continua a transcender infinitamente os *limites* do humano entendimento. Então se é assim, importa repensar a fundo quer a noção de *mistério*, que deixa de ser algo de provisório, porque tem a ver com a realidade mesma de Deus, e a razão, que, mesmo na visão beatífica, não deixa de pertencer à constituição metafísica do ser espiritual finito que é o homem, e que por isso mesmo, na visão beatífica, já não será a instância que determina o mistério como algo de provisório, porque mesmo sendo objecto de visão, mesmo assim continua incompreensível, ou seja, não abarcável pelos limites do espírito finito.

Interessante este tema, que nos obriga a ver ou a considerar a realidade a partir de outra perspectiva, ou seja, a ver o tempo a partir da eternidade, a história a partir da escatologia, o espírito humano a partir da natureza an-gélica. De facto, se virmos bem, a fé em si mesma contém uma luminosidade própria, que consiste em alargar os limites da razão para que ela possa ver o que pelas suas forças não é capaz.

Acontece aqui, na experiência da fé, o que se dá analogicamente na vivência do *amor*, porque quem verdadeiramente ama, por um lado reconhece coisas que os outros não reparam — “ubi amor, ibi oculus”⁵ —, e por outro, se for mesmo intenso e apaixonado, também constitui em si um certo *não ver*, um ficar de certo *modo* cego pela intensidade do fogo e da luz do amor. E por isso, agora passando para o campo da *luz da fé*, esta de certo modo, ao mesmo tempo que alarga as capacidades da razão e do humano entendimento, por outro, purifica o olhar, e assim a fé é já, sobretudo na experiência da oração e dos sacramentos, uma antecipação da visão, ou um certo modo de ver não vendo.

⁵ S. TOMÁS DE AQUINO, *In III Sent. d. 35 q.1 a. 2.*

5. Mas se considerarmos agora o que se passa na visão beatífica, e se considerarmos a natureza anágela, podemos chegar a esta surpreendente conclusão: como seres criados, mesmo se puros espíritos, eles são limitados e por isso não podem abarcar no seu *olhar* a infinitude divina do ser de Deus, e por isso, tiveram de ser purificados e as suas capacidades alargadas para que pudessem estar tão próximos de Deus sem serem destruídos pelo fogo divino. Ora é isto o que a teologia chama o *lumen gloriae*, ou seja, este alargamento operado por Deus no espírito para que verdadeiramente possa contemplar Deus na sua divina essência⁶.

Poderíamos aqui relacionar este tema com a experiência mística, aquilo que, na *Noite Escura*, S. João da Cruz chama a *purificação passiva do espírito* pelo fogo do amor⁷, que é, correlativamente, o tema do *purgatório*, ou seja, esse *tempo de purificação* do espírito para que possa contemplar Deus face a face, e que mesmo assim permanece como *mistério*, ou seja, plenitude de vida, de luz e de amor que nunca se esgota, e que, se assim for possível exprimirmo-nos, toda a eternidade será insuficiente para plenamente O *ver* sem ver, na obscuridade e na treva da infinita Luz divina.

6. Se tudo isto tem sentido, conclui então K. Rahner no seu estudo dedicado a este tema⁸, o *mistério* tem a ver com Deus mesmo, na sua auto-comunicação divina, na revelação e na glória, e nesta auto-comunicação divina Deus oferece-se ao homem, elevando-o para si, como Trindade. E por isso, não se dá uma pluralidade quase infinita de mistérios, tantos quantas as proposições dogmáticas a que se referia a teologia, mas sim um só mistério, ou se quisermos, três mistérios, que dizem respeito à Trindade, em si mesma e no mistério da encarnação/união hipostática, e na elevação pela graça à comunhão trinitária, que constitui a finalidade última do homem, em demanda de felicidade.

E então as *proposições dogmáticas* adquirem um outro sentido e finalidade: elas são expressões *simbólicas*, precisamente no sentido que assume a expressão *símbolo dos apóstolos* que se refere aos artigos da fé nos quais se desdobra a profissão de fé baptismal, que é essencialmente uma profissão

⁶ Cf. *Summa contra Gentiles*, III, 53; *STh* I, q. 12, a.2.

⁷ Cf. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Noite escura*, II, 12.

⁸ Cf. K. RAHNER, *Über den Begriff des Geheimnisses in der katholischen Theologie*, in *Schriften zur Theologie* IV (Einsiedeln-Zürich-Köln 1967) 51-99.

de fé na Santíssima Trindade. As proposições dogmáticas são *simbólicas* por serem expressões que representam *critérios* para aceder à verdade, entendida como *comunhão* do pensamento e do coração, do ser um só à imagem do mistério da Trindade e que diz o ser da Igreja enquanto tal.

7. Se virmos bem, e porque o *mistério* tem a ver com Deus mesmo na sua *economia* — Ele que se revela na história como Trindade — e na sua *imanência* — Ele que é comunhão trinitária desde toda a eternidade, porque só Ele é que verdadeiramente *é* -, esta recuperação *dogmática* da noção de mistério operada por K. Rahner é muito fecunda para a compreensão não apenas dos dados mais especulativos da teologia, mas sobretudo para uma visão e uma leitura de profundidade do que seja o homem como ser *do mistério*, precisamente no sentido em que lhe pertence, como grandeza inesgotável que nele está e que o atrai para fora de si, e lhe oferece motivos e razões de ver, ideais a atingir, porque, sendo *morada do mistério* — “viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14, 23) — é um peregrino da eternidade, que transporta e que se deixa transportar pelo mistério que tem em si e o faz sonhar, com a fantasia criativa de quem acredita e de quem ama, o *futuro* como horizonte aberto onde o mistério que o homem em si transporta também o espera.